

Sumário-prontuário

Prefácio, 11

Prefácio-agradecimento, 15

Introdução, 19

O consciente e o subconsciente, 21

O Bem em Santo Agostinho, 21

O consciente, 41

A palavra na História e a história-palavra, 58

A ausência do Bem em José Saramago, 68

O subconsciente, 84

O Mal é pós-moderno?, 90

A fantasia analisada: o inconsciente, 99

Narrativas de reminiscência: leituras possíveis, 99

O homem duplicado, 120

Todos os nomes, 130

A caverna, 143

O corpo, 153

Anexos (Os laudos), 161

Bibliografia (O espírito), 169

Prefácio

É com imenso prazer que apresento este trabalho! Não há como não admirar a boa escrita, o refino e a pesquisa aqui efetuados!

A despeito de, literalmente, me interessar por quase tudo, ao escolher Santo Agostinho e sua filosofia como esteio para análise da trilogia ora escolhida de José Saramago, Jacqueline aproxima seu trabalho do meu coração.

Santo Agostinho é um dos autores que bem me influenciaram ao longo da minha caminhada. Principalmente suas *Confissões*.

É claro que, ao longo da trilha da leitura, tive o prazer de receber diversas outras influências, não me limitando (nem mesmo de longe, ou muito menos) a escritores teólogos.

A bem da verdade, as leituras podem ser influências, curiosidades ou informação.

Confesso, no entanto, que apesar de derivarem determinadas influências, todas as leituras ainda são para mim, como o próprio vocábulo encerra, apenas leituras.

Meu eixo de gravidade sempre esteve na Palavra. Por isso é que nunca tive “autores” que tenham sido tão continuamente influentes em minha vida, porquanto a leitura da Palavra os relativiza invariavelmente com imensa rapidez ...

Mas é assim que, apesar disso, ou ainda, muito por isso, Santo Agostinho se fez importante para mim. E Jacqueline, agora, rememora esta importância, ao beber e transbordar em suas páginas a filosofia agostiniana, tão alicerçada no espírito da Palavra!

E ela vai além, no cruzamento atemporal do pensamento dos dois escritores, e aqui e alhures peço licença para transcrever trechos desta obra: *“É interessante observarmos que o filósofo Agostinho tece as suas reflexões sem cair no maniqueísmo exatamente por desacreditar na existência real do Mal. Mas em José Saramago, será o Bem que surgirá como o ser sem substância*

e como mais uma das criações, das invenções fracassadas do ente humano.”

o Bem e a ausência dele em Agostinho... o Mal e a ausência dele em Saramago... Que tal apagar tal incêndio? Ou, melhor: que tal atear tal fogo?

A autora, assim, saca do privilégio da criatividade para, num pensamento tão inédito quanto inusitado, fazer Agostinho subjacente a Saramago.

O pensador/escritor – bem assim o artista – encarna uma espécie de antena parabólica a captar ideias, inspirações e pensamentos multifacetados, criando conexões entre os objetos mais distantes ou até mesmo opostos. E é da tentativa da unidade na diversidade, e com o escopo de um “denominador incomum” – da multiplicidade das influências mais improváveis –, que surge esta obra, o esqueleto da “verdade possível” de Jacqueline.

Com arrojo peculiar em forma de “tese-prontuário” (invenção graciosa da autora), observação cuidadosa e pesquisa criteriosa, a obra extrai, com punção precisa, conclusões deliciosas, como a de que, por exemplo, o amargor cético saramaguiano, mesmo partindo da premissa de que “não há bem”, é traído por si mesmo ao promulgar “modos de comportamento” ou preocupar-se com o processo de esfacelamento da unidade do ser, com o adoecimento do sujeito através da indústria cultural, do capital e da vaidade do ente humano. Surpreendentemente, um conjunto de observações que tangenciam o lamento à luz do Evangelho ante a fragmentação humana.

Ciente de que não se sustentaria na armadilha da tentativa de observação monoliticamente imparcial, a autora constrói, cita, relê, recita e desconstrói, ainda que com a elegância das boas letras, o “mal-ser” de Saramago. Um raio-X que não resiste à percepção de que “*o homem saramaguiano é um errante*”, e “*nem o devir, nem qualquer outra instância ôntica o comporta, o conforta*”. Desnuda-se, então, o amargor do ser amargo Saramago, inevitável constatação.

Em sua assertiva prontuária anota (e aqui peço perdão por adiantar a sobremesa): “*...Saramago está entre o Deus morto nietzschiano e, talvez, a sua necessidade pessoal e vital de um*

homem-Deus [...] É descrente e racional, repousando seus olhos agudos e perceptivos na razão 'incerta' da não existência de um Deus, Todo-Poderoso e Criador. Mas, como toda negação, diria Machado de Assis, é ainda uma afirmação, há, em José Saramago, portanto, uma clara reclamação, um óbvio clamor por respostas... para a sua existência pessoal e coletiva, fruto da vontade-desejo de um Deus..." Ora, partilho da mesma percepção acerca do escritor lusitano. Acredito, com menos parcimônia, talvez, que Saramago seria um ser-amargo. Sim, um ser-amargo com forte desejo de adorar a Deus, pois somente os perturbados por Deus dedicam-se tanto tempo a dizer que Ele não existe.

Ora, em tempos de tanto esvaziamento humano e de capacidade de reflexão tão esmigalhada pela superficialidade, dar-se tempo para o sopro e para o vento das ideias é alento de vida inteligente!

Ao contrapor, ou justapor, ou apenas compor entre Saramago e Agostinho, Jacqueline mostra-se uma observadora atenta, um espírito perspicaz. E renova em nós a alegria de conhecer quem gosta de pensar.

Caio Fábio

Psicanalista clínico, escritor e pregador
do Evangelho da Graça de Jesus.

Autor de *Confições do Pastor, Nephilim,*
Sem barganhas e A Bíblia e o impeachment
www.caiofabionet / www.vemevetv.com.br

Introdução

Este texto pretende fazer uma análise das obras de José Saramago, a saber: *Todos os nomes* (1997), *A caverna* (2000) e *O homem duplicado* (2002). A abordagem será feita a partir da concepção agostiniana do Bem.

Através de estudos relacionados à indústria cultural de T. Adorno, a ausência do Bem e o nascimento do Mal serão interpretados como pontos consideráveis na sociedade pós-moderna retratada nos romances do autor escolhido, José Saramago.

A intenção perpassa o intuito de mostrar que, com o auxílio do fantástico de Irène Bessière, o narrador-autor apropria-se de “um novo modo de dizer” a respeito do simulacro em que o ente humano se transformou nesta era, de acordo com as propostas apresentadas por Jean Baudrillard.

A contextualização dar-se-á com base nas aporias saramaguianas diante do colapso da “aura-valor”, ou seja, do Bem, no que se refere ao todo que cerca o ser humano e sua existência, observando-se, para tanto, a visão heideggeriana do *Dasein*.¹

No primeiro capítulo, teremos uma breve exposição a respeito de algumas obras de Santo Agostinho, para uma necessária contextualização do sentido dado, pelo santo, tanto ao Bem como ao Mal. Há que se advertir, ao leitor, que as citações virão em rodapé, de um modo geral nesta ordem: autor, ano da edição e página.

Antes, contudo, fazem-se necessários alguns esclarecimentos preliminares. Por que um sumário-prontuário em vez de um sumário comum? O princípio gerador do contexto do sumário refere-se, objetivamente, ao ser do homem e à sua

¹ Proposta de reflexão apresentada, inicialmente, na dissertação de mestrado, *O tempo está próximo: uma leitura de Objeto Quase*, 2000.

constituição física e psicológica. As proposições que se pretendem alcançar neste sumário, especificamente, têm, como um dos elementos condutores, a *Alegoria da Caverna* de Platão. Pensemos, então, nos prisioneiros desta caverna – numa referência à imagem da alma humana – a verem somente sombras do fogo projetado, pois a caverna representa o nosso tempo, o mundo em que vivemos. Ao voltar-se para a luz, o homem intenta a elevação de seu espírito na direção do transcendente, ou seja, de um espaço e de um tempo cuja explicação objetiva torna-se incapaz de informar por si mesma, é indizível. Para tanto, o mito se faz presente como uma verdade possível que explica o que não se consegue concretizar através dos signos.

Como se fora registrado num prontuário “médico”, *O consciente e o subconsciente* revelarão o que de imediato se deseja deste trabalho, transmitindo alguns princípios abordados sobre a alma humana e tendo, por base, o pensamento agostiniano de “Bem”; em *o subconsciente* a intenção será a de responder às averiguações veladas do autor, José Saramago. Em *A fantasia analisada: o inconsciente*, dar-se-á o conteúdo da interpretação, da autora deste trabalho, dos romances do escritor. Em *O corpo*, o resultado final será apresentado como uma possível conclusão da obra e, nas respectivas partes restantes, *Os laudos e O espírito, leremos o posfácio e as referências*.